

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.ºs	Semestre — 18 n.ºs	Trim. — 9 n.ºs	N.º à entrega	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 159	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	6120	21 DE MAIO 1883	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-6-		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-6-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-6-	-6-		

## CHRONICA OCCIDENTAL

Hoje permittam-nos, que enquanto Lisboa faz as suas malas para partir para Madrid, e nós tendo já as nossas fechadas para seguirem para o comboio, lhes fallemos de livros, cumprimento de promessa antiga e desempenho de dever gratissimo, visto que os acontecimentos importantes falham e que o dominante é a viagem a Hespanha.

As horas em que nos lerem, estaremos já no hotel dos Embaixadores, na *carrera* S. Jeronymo, se Deus e o comboio quizerem, e a corte seguirá já por essa estrada ferrea fóra, a assistir ás festas deslumbrantes que el-rei D. Afonso XII prepara, para commemorar a visita dos reis de Portugal, festas de que daremos na proxima chronica, minuciosa conta aos nossos leitores.

Mas, em quanto não vemos desfillar defronte de nós o exercito hespanhol, em grande uniforme de gala, enquanto não contamos os foguetes que accorram as calles de Madrid, e as luminarias que envergonham o sol, folhearemos cinco ou seis volumes de prosa e de verso, que ha tempos temos sobre a nossa meza á espera da occasião, e daremos d'elles conta rapida e breve, sem pensarmos de modo algum em fazer um minucioso e grave artigo de bibliographia.

O primeiro a fallar-lhes será por varias razões a começar pela da delicadeza para com um estrangeiro, as *Symphonias*, um volume de versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução de Machado d'Assis.

Raymundo Corrêa, é um doutor e poeta brasileiro que tem apenas 23 annos d'idade.

As *Symphonias* publicadas este anno pela acreditada casa editora do Rio de Janeiro, Faro & Lino não são os seus primeiros versos.

Em 1879 é que Raymundo Corrêa fez a sua estreia poetica com um volume de versos — *Primeiros sonhos*, que nunca vimos, e apenas conhecemos de o ver citado no prefacio do sr. Machado d'assis.

Nesse prefacio ha esboçado um perfil do poeta. «Tinha deduzido dos versos lidos, diz o sr. Machado d'Assis, um mancebo expansivo, alegre e vibrante, aguçado como as suas rimas, consciante como os seus esdruxulos, e achei uma figura

concentrada, pensativa, que sorri ás vezes, ou faz crer que sorri; e não sei se riu nunca. Mas a desillusão não foi uma queda. A figura trazia a nota sympathica; o acanho das maneiras vestia a modestia sincera, de boa raça, lastro do engenho, necessario ao equilibrio. Achei o poeta d'este livro ou de uma parte d'este livro: — um contemplativo e um artista, coração mordido d'aquelle amor mysterioso e cruel que é a um tempo a dor e o feitiço das victimas.»

O prefacio do sr. Machado d'Assis tem uma qualidade muito original: é extremamente sobrio d'elogios ao livro prefaciado e tanto que quando o li, se o livro não me tivesse sido enviado e recommendado por um velho amigo d'infancia, cujo bom gosto litterario me merece a mais plena confiança, eu teria dado por lido o livro nas ultimas palavras do sr. Machado d'Assis.

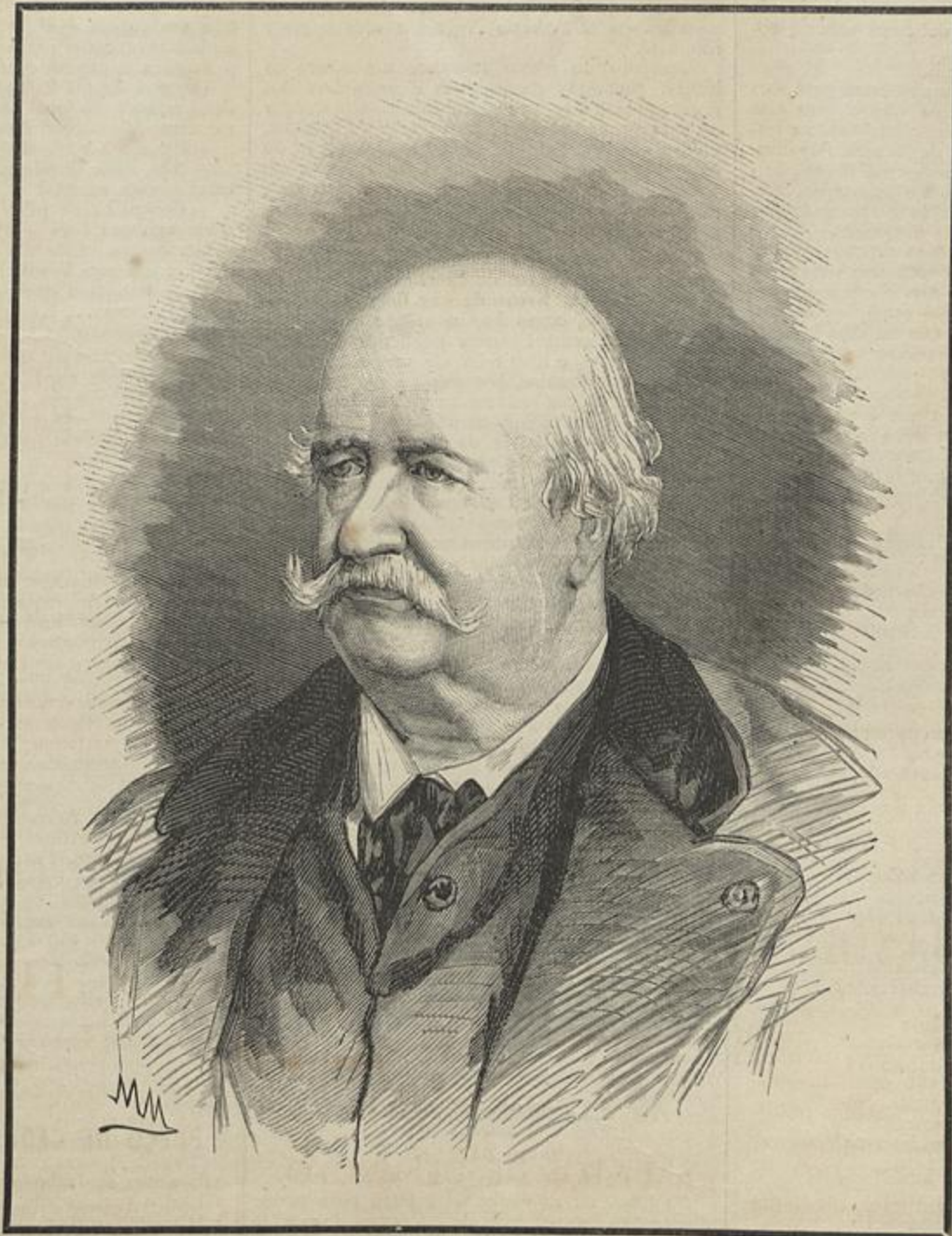
Felizmente, não dei, folheei ao acaso as *Symphonias* cujas poesias teem o grande condão de ser curtas, rapidas, faceis, e lidas duas ou tres, li todas com o grande prazer, de quem descobre um talento verdadeiro e vigoroso.

E depois então, ainda mais original me pareceu esse prefacio, pelas reticencias hesitantes com que falla do notavel poeta que apresenta.

Sente-se que o sr. Machado d'Assis estava cheio da preocupação de não ser tomado por pregador vulgar, que acha sempre maior que todos o santo em cujo orago prega.

Temeu a tradição lisongeira dos prefaciadores, e tanto que por um triz, iam por causa d'essa preocupação, deixando de ler um bello livro de excellentes versos dos melhores que ultimamente temos lido em portuguez.

Quem nos favoreceu foi o acaso, esse acaso que nos fez deparar logo este singelo e delicioso soneto:—



JULIO SANDEAU — Fallecido a 24 de abril de 1883 (Segundo uma photographia de M. Truchelut)



## AS POMBAS...

Vae-se a primeira pomba despertada...  
Vae-se outra mais... mais outra... emfim dezenas  
De pombas vão-se dos pombaes, apenas  
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada  
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,  
Rufando as azas, sacudindo as pennas,  
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotoam  
Os sonhos, um por um, celeres voam,  
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia as azas soltam  
Fogem... mas aos pombaes as pombas voltam,  
E elles aos corações não voltam mais...

Depois, animado por este encontro folheei mais,  
e assustei-me ao lér no alto de duas estrophes:

## A GEMMA CUNNIBERTI

— Versos de beneficio! exclamei atterrado, e  
para ter o direito de não lér mais li-os... e de-  
pois li o livro todo.

É grande a multidão que ás suas plantas vê-se,  
E ella tão debil é, tão fraca e tão pequena,  
Que eu estremeço quando a creança apparece  
Tão pequena, tão fraca e tão debil em scena.

Mas quando a sua voz gorgeia, quando um novo  
Lume e estranho poder no rosto se lhe expande,  
Transfigura-se tudo, e eu vejo então que o povo  
É que é pequeno, e que ella a pequena, é que é  
(grande).

E agora creio que terão os mesmos desejos de  
ler todos os versos d'esse delicioso volume co-  
mo eu tive.

Pois leiam-n'os como eu li.  
— Outro livro de que ha muito estou para lhes  
fallar é tambem um livro de versos, mas esse  
d'um poeta portuguez, já muito conhecido e fes-  
tejado — *As telas historicas* de Macedo Papança.

Brihante na idéa profundamente liberal, bri-  
lhante na fórma litterariamente primorosa, esse  
livro é de ha muito conhecido e apreciado por  
todos os dedicados ás letras nacionaes.

Iamos procurar n'elle alguns trechos que se  
podessem dar soltos e que podessem mostrar o  
valor do livro e do poeta; mas n'este momento  
acodem-nos á memoria umas estrophes explen-  
didas de Macedo Papança, que ha dias lemos e  
relemos e que só por si denunciam um poeta de  
raça, um talento de primeira ordem.

E são tão deliciosas essas estrophes, é tão fa-  
mosa essa pequenina poesia que é uma grande  
obra prima, que preferimos dal-a a transcrever  
qualquer trecho das *Telas historicas*, porque esse  
trecho poderia servir de amostra do livro, mas  
essa poesia mostra completamente o artista e o  
poeta.

Eis esses versos, que em qualquer litteratura  
serão uma verdadeira perola:

Nas recepções da embaixada  
A archiduqueza sorria,  
Tão branca e tão decotada,

Que tinha aos pés humilhada,  
A côrte e a diplomacia;

Nas recepções da embaixada  
Quando orgulhosa e aprumada  
Aos espelhos se revia,  
Tão branca e tão decotada,

Sentia-se enebriada;  
Que outra mulher não havia  
Nas recepções da embaixada

Tão loura, tão bem talhada,  
De tão alta fidalguia,  
Tão branca e tão decotada.

E nada, por isso nada,  
Que impossivel! conseguia  
Nas recepções da embaixada,

Aquecer a alma gelada  
D'essa esculptura tão fria,  
Tão branca e tão decotada!

A rainha nova e amada,  
A flôr que mais rescendia  
Nas recepções da embaixada

Sentia-se ao vel-a, humilhada!  
E a archiduqueza sorria  
Tão branca e tão decotada,

Que ella jurou despeitada,  
Que ninguem mais a veria  
Nas recepções da embaixada.

Da janella debruçada  
Aos duellos assistia,  
Tão branca e tão decotada,

Tão ironica e descuidada  
Como a gente sempre a via  
Nas recepções da embaixada.

Na sua alcova dourada,  
Houve alguém que a viu um dia,  
Tão branca e tão decotada...

Nos braços nus, apertada,  
D'um homem... que ninguem via  
Nas recepções da embaixada...

Aos livros de prosa, que esperam ha semanas  
na nossa banca uma occasião em que os assum-  
ptos obrigados da chronica, nos deixem um bo-  
cadinho de espaço, veio hoje mesmo juntar-se,  
um bello volume de cerca de 500 paginas, edi-  
tado pela acreditadissima casa editora de Mattos  
Moreira & Cardoso, e firmado por um dos no-  
mes mais justamente celebres da litteratura con-  
temporanea portugueza.

Esse livro chama-se *O Salustio Nogueira*, e  
assigna-o Teixeira de Queiroz, o litterato serio,  
reflectido e brihante, o romancista positivista,  
moderno e observador, da *Comedia Burgueza*.

*O Salustio Nogueira* é o terceiro volume d'essa  
famosa collecção d'estudos contemporaneos, e  
enceta no romance a comedia politica que Tei-  
xeira de Queiroz começára já no theatro com a  
sua comedia *O grande homem*.

Recebemol-o agora mesmo, e vamos lél-o com  
atención profunda, e a curiosidade ávida que nos  
merece o talento uberrimo de Teixeira de Queiroz.

Parte do primeiro capitulo é já nosso conhe-  
cido, e era elle bastante, se o auctor da *Comedia  
Burgueza* fosse para nós um desconhecido,  
para lermos *O Salustio Nogueira* com enorme  
interesse.

Abandonando n'este romance um pouco os  
longos processos descriptivos e analyticos dos  
seus outros livros, processos que podem cançar  
os leitores menos letrados, Teixeira de Queiroz,  
teve a arte delicada de prender a atención do  
leitor logo nas primeiras linhas do seu livro, um  
livro d'observação e de analyse, como o faria  
qualquer dos mais afamados romancistas de sen-  
sação do *roman feuilleton* francez.

Falta-nos ainda o espaço para nos desem-  
penharmos da promessa de ha tanto feita: resta-  
nos ainda mais livros de que fallar, e annun-  
ciando apenas, como boa novidade o appareci-  
mento em Portugal d'uma publicação artistica  
nova, elegante, e bem feita, um jornal de musica  
a valer — *O Euterpe*, que publica em bella edi-  
ção e por preços extraordinariamente baratos,  
formosas composições para piano, consagrare-  
mos as ultimas linhas da nossa chronica, ao  
grande acontecimento theatral da semana, que  
vae ser decerto durante algum tempo um acon-  
tecimento — *O drama no fundo do mar*, no thea-  
tro de D. Maria.

A scenographia continua a triumphar no thea-  
tro portuguez a constituir os grandes successos.  
*A volta do mundo* tem quarenta enchenches com  
o seu naufragio, o *Drama no fundo do mar* co-  
meça agora uma carreira triumphal com quatro  
ou cinco scenas mais do que primorosas, extra-  
ordinarias, pintadas pelo sr. Manini.

Não assistiremos á primeira representação da  
interessante peça de Ferdinand Dugue, excellen-  
tamente traduzida por Pedro Vidoeira, e primo-  
rosamente representada pela companhia de D.  
Maria, pois que a essas horas devemos ir já cam-  
inho de Madrid, mas sahimos ha momentos do  
ensaio geral, e estamos ainda deslumbrados com  
as scenas esplendidas de Manini, o *fundo do mar*,  
o *vapor*, o *oceano*, essas obras primas de sceno-  
graphia que valeram do publico que encheu o  
theatro interminaveis ovações a Manini e vão  
decerto valer ao theatro interminaveis recitas.

O *Drama no fundo do mar* é um espectáculo  
formosissimo. Quando voltarmos de Hespanha  
assistiremos a elle mais demoradamente, e mais  
demoradamente d'elle fallaremos aos nossos lei-  
tores.

Até á volta.

Gervasio Lobato.

## AS NOSSAS GRAVURAS

JULIO SANDEAU

Nasceu a 11 de fevereiro de 1811.  
Na idade de 18 annos foi a Paris para cursar  
direito. Occupou-se mais de litteratura do que do  
curso, e debutou em 1831 publicando muitos ar-  
tigos no *Figaro*, que então era dirigido por  
Henrique de Latouche.

No mesmo anno imprimiu o seu primeiro ro-  
mance — *Rosa e Branca*, escripto em collabora-  
ção com George Sand.

Como é estranho esse romance!

Contém na balburdia d'um drama violento, as  
angustias d'uma religiosa e d'uma comediante, o  
amor concedendo o juizo a uma desgraçada idiota  
e fazendo-a cahir novamente na loucura; é um li-  
vro repassado de amargura e de desesperança que  
se concebe aos vinte annos, quando se está inva-  
dido por apprehensões tristes e terrores fataes;  
mas, cousa singular! estas paginas audaciosas do  
realismo, como diziamos hontem ou de natura-  
lismo, como dizemos hoje, formam um romance  
pensado e observado, cheio de blasphemias e de  
*pragas*, um romance em que se acotovelam o  
bom humor, um pouco militar do joven Sandeau  
e a colera da baroneza Dudevant revoltada.

Toda a gente sabe, a historia dos amores de  
Sandeau com madame Dudevant, que se desenla-  
çou das correntes conjugaes, para se deixar es-  
treitar nos braços do futuro auctor de *Mademoi-  
selle de la Seiglière*.

Durante a sua mocidade, Sandeau, viveu com  
Balzac, n'uma intimidade completa de absoluta  
miseria, n'uma bohemia épica que nada tinha  
de commum, com a bohemia patusca de *Murger*,  
essa bohemia que não podendo conseguir algu-  
ma cousa para o jantar, encontrava phrases com  
que palitava os dentes.

Balzac pobre, tinha appetites luxuosos.

— Meu caro, disse elle um dia a Sandeau:  
Preciso de vinte francos. Um luiz! Vou a uma  
soirée. Não posso ir com as algibeiras vazias.  
Vasculha os teus bolços, varre os cantos, esgana  
um editor, faz tudo o que quizeres, mas... eu  
preciso d'um luiz!

Estava-se no inverno. O pobre Sandeau, ti-  
nha um capote que apreciava muito, em que se  
embrulhava como um andaluz na sua capa.

Vendeu o capote e entregou o luiz a Balzac.  
Tempos depois Balzac, foi tomar chá a casa  
de qualquer duqueza de *Langeais* e disse, da  
maneira mais natural d'este mundo, ao seu amigo:

— Empresta-me o teu capote?

— Não, disse Sandeau. Nunca mais te empre-  
starei o meu capote!

— Porque? tens medo que eu o estrague?! És  
d'um egoismo com o fato...

Um capote! Olhem a preciosidade! Pois bem  
seja... irei sem capote! Abotoarei a minha ca-  
saca... baterei o queixo com frio... constipar-  
me-hei... mas... É suspendendo, rapidamente as  
suas recriminações, em frente do sorriso meigo  
e doce de Sandeau que o olhava enternecido e  
calado, corou, apertou bruscamente nos seus  
robustos braços de Tourangeau o timido Li-  
mousin e com as lagrimas nos olhos porque  
tudo tinha comprehendido, disse-lhe:

— Ah! meu querido, sou um bruto e peço-te  
perdão!

Em 1833 já separado do auctor da *Indiana*  
partiu para Italia, d'onde voltou no anno se-  
guinte. Publicou successivamente — *Madame de  
Sommerville*, *Os Revenants*, *Marianna* que é a  
replica á *Indiana* de George Sand e cujo suc-  
cesso lhe abriu as portas da *Revista dos Dois  
Mundos*.

Foi na *Revista* que publicou os seus princi-  
pales romances: *O doutor Herbeau* (traduzido para  
portuguez com o titulo de *Doutor Parreira*  
pelo sr. Pedro dos Reis) *Mademoiselle de la Sei-  
glière*, *Magdalena*, *Sacs*, et *Parchemins*, la mai-  
son de *Penarvan*.

Em 1851 estreiou-se no theatro.

A *Comedie Française* representou com um  
exito que ainda dura, *Mademoiselle Seiglière* e  
o *Genro de mr. Poirier*; peça que foi escripta  
de collaboração com *Emilio Augier*.

Ha annos que esta formosa comedia se re-  
presentou no theatro de D. Maria desempenhando  
o illustre actor Pinto de Campos o papel de pro-  
tagonista — *Mr. Poirier*, a contento da critica e  
do publico que o applaudiu com entusiasmo.

Em 1853 Julio Sandeau foi nomeado bibliothecario da bibliotheca *Mazarine* passando a con-  
servador seis annos depois.

Foi nomeado membro da Academia Franceza  
em 1858 e dois annos mais tarde Napoleão III  
deu-lhe o logar de bibliothecario de *Saint-Cloud*.  
As suas ultimas obras foram *O colonel Evvard*  
e *Jean de Thommeray*.

Teve a desgraça de ver morrer, ha cinco ou  
seis annos seu filho unico, official da armada, e  
foi tal a sua dôr que desde então perdeu toda  
a actividade, tornando-se-lhe impossivel dedicar-se  
novamente ao trabalho.

Falleceu a 24 de abril de 1883.

M.



## O GENERAL FRANCISCO XAVIER LOPES

No 1.º do corrente apagou-se a existencia d'este distincto official do exercito portuguez. Vestia-se ás 9 horas da manhã para sair para a Repartição da Administração militar, de que era Director, quando um ataque apoplectico lhe paralyzou os movimentos, e por tal fórma o accommetteu que sete horas depois era cadáver.

A administração militar, essa repartição do exercito a cargo da qual está o processamento das suas despesas, o exame, direcção e fiscalisação de todos os seus fornecimentos e liquidações, sobrecarregada de funcções de contabilidade de toda a especie, sentia-se orgulhosa, com um chefe tão intelligente cujo rigor no cumprimento dos seus deveres e em o exigir dos seus subordinados, não impedia que a sua delicadeza de trato, a sua bondade natural o tornassem um superior estimado.

Os serviços d'esta repartição variados, complicados e um pouco embaraçados ás vezes, por uma organização um tanto atrazada e deficiente, muito mais depois da nova lei de contabilidade, esperavam de tão illustrado chefe melhora, reforma e simplificação, para poderem ser melhor aproveitados os esforços e fadigas dos seus empregados; por isso aquella repartição sentiu dobradamente esta perda, porque a sua boa vontade não havia ainda podido melhorar as condições d'ella.

Era este o ultimo cargo publico que o general Francisco Xavier Lopes desempenhava. Havia nascido o general em Campo Maior, Pianhy, provincia do Brazil, a 10 de maio de 1811, onde seu pae, Hygino Xavier Lopes, official de infantaria do exercito portuguez, se achava com o seu regimento.

Só depois de accieita a independencia d'aquelle imperio, veio seu pae para Portugal, ficando elle ainda algum tempo no Maranhão. Quando chegou a Lisboa, foi admittido no Real Collegio Militar, que era então o viveiro dos nossos mais distinctos officiaes.

Concluido o curso assentou praça a 23 de setembro de 1832, no maior fervor da lucta civil, que ensanguentava o paiz, e devia terminar pelo completo triumpho das idéas constitucionaes.

Tomou parte no anno seguinte na defeza de Lisboa e seguiu com o exercito liberal até Évora Monte, a cuja convenção assistiu, tendo sido promovido a 2.º tenente de artilheria em setembro de 1833.

Terminada a lucta seguiu e concluiu o curso de engenharia na *Academia de Fortificação* e depois na *Escola do Exercito* organizada em 1836, sendo promovido a 1.º tenente em 1837, servindo n'esse anno ás ordens do general Sá da Bandeira, por occasião da revolta chamada dos marechaes.

Em 1841 foi promovido a capitão e achando-se em Faro, por occasião da revolta de Torres Novas, foi preso como suspeito, mandado para Cascaes e pouco depois passado á 3.ª secção do exercito.

Em 1845 era promovido a major, sem prejuizo dos officiaes mais antigos da sua arma, e nomeado engenheiro para a provincia de Angola. Mandado a Benguella construir um forte que impedisse as offensas do gentio, houve-se n'essa commissão de modo, que em breve foi nomeado governador de Benguella, cargo que exerceu por maneira tal, que este districto lhe conferiu uma medalha de reconhecimento.

Pelos fins de 1848 chegava á capital, concluida a sua commissão. Fez então uma viagem a França e Inglaterra onde viu, examinou e estudou tudo o que lhe pareceu mais importante em assumptos militares.

N'essa viagem gastou quasi um anno regressando a Lisboa pelos fins de 1849.

Em janeiro de 1850 era nomeado chefe de secção do ministerio da guerra, cargo em que permaneceu até 1869, exercendo por esse tempo algumas commissões importantes, como a de ir á Belgica receber as carabinas Enfield, com que, durante algum tempo, estiveram armados os nossos corpos de caçadores.

Em 1864 havia sido promovido a tenente coronel, e a coronel em 1866.

Em 1869 foi nomeado commandante do regimento de artilheria n.º 3, cargo que exerceu até 1872, salvo o tempo que durou o governo saído do movimento de 19 de maio de 1870.

Em 1872 foi nomeado presidente da commissão nomeada para estudar as questões relativas ao armamento da artilheria.

Promovido em 1874 a general de brigada, foi logo nomeado governador da praça de Elvas, onde se conservou até agosto de 1876, tendo vindo a Lisboa commandar a brigada de arti-

lheria na parada por occasião da visita do príncipe de Galles.

A sua saude não lhe permittiu continuar n'aquella commissão, de que pediu a exoneração, apezar das solicitações da camara municipal respectiva para ali se conservar.

Presidente da commissão encarregada de codificar a nossa legislação militar em 1877, foi depois nomeado membro da commissão de defeza de Lisboa.

A sua saude, um pouco alterada com a estada em Elvas, tinha-se retemperado, e hoje o aspecto do general, em muito melhor disposição do que parece pelo nosso retrato, que é mais antigo, não deixava prever um fim tão rapido e tão proximo.

A classe militar perdeu um official distincto, illustrado, probo e integro.

## PASSEIO PUBLICO DO ROCIO

Em o n.º 147 do presente vol., pag. 21 e 19, publicamos a gravura representando a entrada principal do Passeio Publico do Rocio, e um artigo respeitante a este; por isso hoje publicando a vista da entrada do lado do norte que vae ser demolida, pouco mais diremos.

A cascata que faz o assumpto da nossa gravura está collocada no extremo norte da rua principal, e foi construida na mesma epoca em que se gradeou o passeio. Como se vê da gravura a sua fórma é elegante, com tres arcos, tendo o do meio, sob um pedestal uma estatua allegorica deitando agua de um vaso que sustem nos braços, e os dois arcos dos extremos grupos de plantas aquaticas, que se estendem por quasi todo o lago.

Os arcos são forrados de concharia e seixos, formando bonitos desenhos, e a estatua a que nos referimos foi feita pelo professor da Academia de Bellas Artes de Lisboa, Francisco d'Assis Rodrigues.

Sobre o lago estão dois cisnes de pedra e a cascata é rematada por um terraço que deita para a praça da Alegria e para o qual se sobe por dois lanços de escada.

Aos lados d'esta cascata ha dois grandes portões de grades que dão ingresso ao passeio, pelo lado norte.

Esta parte do Passeio, que ainda está de pé, muito breve vae ser demolida como já foi a parte sul, para a continuação da Avenida da Liberdade, que é sem duvida uma das mais importantes obras que a camara municipal de Lisboa tem emprehendido.

## O CENTENARIO

DA

## INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

E O SEU INVENTOR O

## PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

II

N'esta explicação ha erros evidentes de copia e os quaes se devem attribuir ao copista, editor ou impressor, pois já o sr. dr. Filippe Simões provou exuberantemente que na transcripção do requerimento do padre Bartholomeu os havia.

Assim onde se diz na explicação das letras **EE**, *forrado de chapas de ferro e pela parte inferior forrada de estreitas taboas feitas de palha de centeio*, naturalmente estaria no original, e pela parte inferior *forrada de esteiras feitas de tabua ou de palha de centeio*; e assim tambem na explicação relativa á letra **F**, onde se diz *fará força para attrair a si as estreitas* (que o nosso typographo ainda transformou em *estrellas*) se deve ler *para attrair a si as esteiras*.

Isto porém são umas leves observações que qualquer com um pouco de attenção poderia fazer: o principal, o mais importante é que as explicações da estampa dadas no opusculo de que fallámos, e que transcrevemos fielmente, nada explicam com relação á machina de voar pelo ar, que se diz inventada pelo padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

E o caso é que por causa d'essas explicações se tem duvidado da authenticidade da estampa que reproduzimos em gravura.

O sr. Filippe Simões, de pag. 132 do *Instituto* vol. ix em deante, discute scientificamente a possibilidade de fazer com que similhante machina se elevasse no ar, terminando por afirmar que não

podia ser assim o artificio aerostatico inventado pelo padre Bartholomeu Lourenço.

Mostra tambem o mesmo sr. que não só o auctor de um folheto que se intitula—*Descrição do novo invento aerostatico ou machina volante, do methodo de produzir o gaz ou vapor com que esta se enche etc.* publicado pelo impressor A. R. Galhardo nos fins do seculo passado, como o proprio Freire de Carvalho duvidaram de que a estampa, que apresentamos, represente a genuina, invenção do sr. Bartholomeu, e embora o sr. visconde de Villarinho de S. Romão pretendesse justificar a perfeita harmonia do machinismo, o sr. Simões rebate e com razão essa opinião.

Consta-me porém que na bibliotheca de Paris existe uma estampa colorida, cujos pormenores, segundo me diz o distincto engenheiro, a quem me referi no primeiro artigo, explicam os pontos obscuros da gravura publicada por Thadeu Ferreira. Esperaremos o trabalho do illustre escriptor francez, para vermos como elle encara, demonstra e resolve esta questão, tão interessante para nós.

Ainda assim não deixaremos de fazer uma reflexão. As tradições do tempo, os monumentos escriptos, quer publicados, quer manuscritos, por vezes nos dizem que o invento do padre Bartholomeu apresentava a forma de uma ave, e por isso alguns lhe chamam *Passarola*, e d'ahi proveio ao seu auctor a alcunha de *Voador* e de *Padre Passarola*, logo algum fundamento ha para crer que a gravura não seja completamente falsa.

Efectivamente é de primeira intuição que assim como os primeiros navios tiraram as suas formas das aves nadantes ou dos peixes, a machina que pretendesse cortar os ares devia naturalmente, imitar a fórma das aves, que a todo o instante vemos atravessar a atmosphera e equilibrarem-se n'ella.

A falta de attenção a isto, a falta de se não ter procurado esta imitação, na forma dada pelos Montgolfiers e seus continuadores ás machinas aerostaticas, talvez seja o motivo de ter sido retardada por mais de um seculo, a resolução do problema da direcção dos aerostatos. O que mais nos convence d'isso é que desde os projectos de Dupuy de Lôme até ás experiencias do sr. Tissandier, se mostra n'estes sabios a resolução definitiva de abandonar, para os aerostatos a forma approximadamente espherica dos balões, e de voltar á forma alongada e um tanto oval do corpo das aves.

D'aqui porém a dizer-se que o padre Bartholomeu se elevasse na sua machina, ou a fizesse elevar pela fórma porque ella nos é apresentada vae grande differença; basta considerar o peso d'ella, tal como a descrevem, e a sua impossibilidade de se manter no ar, não só de subir n'elle.

Nós julgamos que a *passarola*, representa apenas a barquinha do aerostato, onde se devia transportar gente e o mais necessario para a viagem, e que o chamado *velame*, que vemos colhido e preso á *barca* por cordas e moitões, constituiria o verdadeiro aerostato, ao que o padre Bartholomeu não pode dar a ultima e definitiva perfeição, por causas que na sua biographia talvez possamos explicar.

Admittido isto, nenhuma duvida pode haver em se accieitar a barca como representação do invento do padre Bartholomeu, que, para conservar o seu segredo, lhe convinha occultar o meio de que se servia, para fazer elevar a sua machina.

É isto o que nos parece razoavel e plausivel, muito mais quando o conhecimento do invento parece ter chegado ao estrangeiro, muito antes da invenção dos irmãos Montgolfiers.

O sr. Filippe Simões tambem prova que não fôra o magnetismo o meio de que se servira o padre Bartholomeu para fazer elevar a sua machina, mas sim o ar dilatado por meio do fogo, ao qual provavelmente substituiria depois o hydrogenio, se a morte não atalhasse no vigor da edade e na pujança do seu desenvolvimento.

(Continua)

Brito Rebello.

## O MAJOR JOÃO CARLOS RIBEIRO

E A

## SUA COMMISSÃO NO CONGO

(Conclusão)

A's tres e meia da tarde chegaram a Mansellé, onde pernottaram. No dia seguinte partiram d'alli ás seis da manhã, chegando a Quinga ás cinco e meia da tarde.



Aqui pernoitaram, e quando no seguinte dia 28 queria partir de manhã, o chefe pediu-lhe para o não fazer, porque esperava os chefes de dois povos visinhos com quem estava em guerra e que era necessário que elle fizesse a *fundação da palavra*.

Como esperasse até ao meio dia, e não apparecesse ninguém e sómente uma força de cento e cincoenta homens armados, do rei do Congo, resolveu-se a partir no dia seguinte.

Esta gente do Congo alegrou-se muito de ver Ribeiro e prometteram-lhe de ir a Noki para transportar o resto do material.

Aproveitou o restante do dia em tirar duas photographias de parte da gente armada de S. Salvador, e no dia 29 partiu para Noki, dizendo-lhe então o chefe que os principes em guerra iriam a Mussuco e depois a Lucango (Noki), para se ultimar a *fundação da palavra*.

Sairam de Quinga ás seis da manhã. O principe d'este povo exigiu de Ribeiro fazendas, um vestuario e aguardente, acompanhando o viajante até Noki para receber estes artigos.

Em Pucucango tambem foi obrigado a presentear o sova d'aquelle lugarejo, com fazenda, aguardente e almendrilha (contaria), e é curiosa e engraçada esta observação de Ribeiro: «elles são muito amigos dos brancos, porém com o unico fim de lhes pedirem alguma coisa, porque nos julgam a todos muito ricos e sabendo fazer tudo.»



O GENERAL, DIRECTOR DA ADMINISTRAÇÃO MILITAR, FRANCISCO XAVIER LOPES

Fallecido em 1 do corrente (Segundo uma photographia de Rocha)

Emfim ás dez horas e meia chegaram a Noki.

Os negros que acompanharam Ribeiro ficaram convencidos de que para os objectos pertencentes aos brancos não fechavam os caminhos, como havia assegurado o principe de Quinga, em consequencia d'isso levaram o que poderam, sendo o resto transportado por uma partida de oitenta carregadores contratados, á força de promessas, d'entre uma quantia de gente armada, de S. Salvador, que pouco depois chegou a Noki.

Com estes ultimos partiu o carpinteiro da missão, depois de ter sido celebrado o respectivo auto de entrega, tendo ainda Ribeiro sido obrigado a comprar o remate para o pau de fileira, que não tinha ido de Angola.

Quando Ribeiro chegou a Noki esperava encontrar allí já a canhoneira que o devia reconduzir a Loanda e foi esse um dos motivos que o fez apressar a sua partida de S. Salvador, porque lhe haviam promettido que ella estaria n'esse ponto a 23 de novembro.

Os pretos da ultima partida não queriam marchar sem que chegasse a canhoneira, porque, segundo diziam, a sua chegada incutiria respeito aos povos vizinhos e podiam assim seguir mais tranquillos.

Demoraram-se por esse motivo ainda tres dias em Noki, e Ribeiro para os contentar e resolver a marchar, deu-lhes ração de ginguba e chicoanga, que foi fornecida pela feitoria de Noki.

A canhoneira não chegava



LISBOA — PASSEIO PUBLICO DO ROCIO — Entrada do lado do Norte que vae ser demolida para a abertura da Avenida da Liberdade (Desenho do natural por D. Cazellas)



e Ribeiro aproveitou o tempo da sua demora, em levantar plantas dos terrenos adjacentes, em completar alguns trabalhos começados, em tirar photographias, que levou para a capital da provincia em numero superior a 100.

O tempo de permanencia forçada n'aquelles pontos, onde apenas podia entreter convivencia com os individuos das feitorias e com missionarios, não foi perdido para Ribeiro porque observou tudo o que poudé e colleheu as informações que constam do relatório e que condensou em poucas palavras que passamos a transcrever.

«Durante a minha permanencia em Noki, tenho observado o grande desenvolvimento que os inglezes têm dado ás suas missões, tanto officiaes como particulares; a que dispõe de maiores recursos, cuja séde é em Mussuco, ponto que fica a jusante de Noki, na margem esquerda, envia quasi diariamente as suas embarcações a Nivi, onde reside outra, subordinada á primeira cujo chefe principal é mr. Comber.

«São de uma actividade espantosa estes missionarios; as embarcações de que se servem são



A CASA VELHA DA MISSÃO PORTUGUEZA NO CONGO (Segundo uma photographia). Vid. artigo Major João Carlos Ribeiro, etc.

todas feitas na Europa, para tripulantes das mesmas têm ao seu serviço perto de cem krooboyos, homens aptos para todo e qualquer serviço, aos quaes elles pagam generosamente.

«Em geral os membros da missão são homens instruidos, de uma delicadeza que captiva e muito obsequiadores.

«Eu tive a prova d'isso quando estive em Mussuco, onde fui perfeitamente recebido; por essa occasião pude observar a sua maneira de viver,

para a parte do rio navegavel acima das cascatas, as quaes occupam uma grande extensão; hoje ignora-se onde pára Stanley, o qual, segundo aqui me têm affirmado, tem estabelecido diferentes estações, todas com nomes inglezes. Estas estações estão guardadas por zanzibares, tendo elle conseguido perto de quatrocentos d'estes individuos ao seu serviço. Eu sou testemunha do grande numero de negros d'aquella região que constantemente passam rio acima a bordo dos

os magnificos livros que possuem, mappas e instrumentos, quer mathematicos, quer cirurgicos. Vi alguns mappas do Zaire com correções feitas por mr. Comber, e bem assim uma carta do mesmo rio entre Vivi e Alála e regiões circumvizinhas com marcas das diferentes altitudes; estas foram determinadas pelo barometro aneroidé.

«Contribue tambem poderosamente para o grande movimento d'esta grande arteria fluvial o incansavel explorador Stanley; tem ao seu serviço os vapores *Belgique*, *Real*, *Anavant* e *Esperança*. O *Real* foi-lhe offerecido pelo rei da Belgica.

«Alguns d'estes vapores já foram transportados por terra para



CASA DA MISSÃO PORTUGUEZA NO CONGO, EM CONSTRUÇÃO (Segundo uma photographia). Vid. artigo Major João Carlos Ribeiro, etc.



diferentes vapores. — Acima de Vivi, um pouco para o interior, existe a outra missão ingleza, sustentada por iniciativa particular. Esta tambem possui um vapor para o seu serviço; em resultado, os pavilhões inglez, hollandez e francez fluctuam por toda a parte, procurando, em tudo e por tudo, eclipsar a bandeira das quinaz, a mais conhecida n'estas paragens, porém a menos protectora, e que os pretos dizem não se poder imitar.

«É importantissimo o movimento commercial do Zaire, a exportação dos generos coloniaes é feita, segundo informações que obtive, nas diferentes feitorias, por casas commerciaes hollandezas, inglezas, portuguezas e francezas, e attingiu no anno findo a importancia de 900:000\$000 réis.

«Os negociantes do Zaire calculam a importação em 0,8 da exportação, o que n'este caso dá 720:000\$000 réis, perfazendo todo o commercio um total de 1.620:000\$000 réis.

«O commercio entre o Zaire e o Ambrissete é muito superior; a exportação em marfim chega em muitos annos a 1.000:000\$000 réis, a borracha a 720:000\$000 réis e a ginguba a 300:000\$000 réis, e suppondo existir a mesma relação entre a importação e exportação, que apontei com respeito ao Zaire, o movimento total ao sul d'este rio em todo o ramo de commercio tem attingido em varios annos 3.636:000\$000 réis!

«Em resumo, as permutações effectuadas entre o Zaire e o Ambrissete, com os generos da Europa, podem ser, em media, calculadas em 5.000:000\$000 réis.

«É de absoluta necessidade o estabelecimento de uma missão portugueza no Zaire, e julgo que o ponto mais apropriado é Noki. A posição é magnifica, não direi que seja a mais salubre, comtudo estabelecida a missão n'um pequeno outeiro posterior á casa do sr. Rosa, dono da feitoria portugueza, ficaria em regulares condições de salubridade.

«O terreno a que me refiro pertence á feitoria e facil seria a sua aquisição.

«Esta missão deveria ser scientifica, estudar bem o paiz, tornar tanto quanto possivel bem conhecidos os costumes europeus, procurar por todos os meios ao seu alcance introduzir no commercio com o indigena objectos da industria portugueza, e estabelecer estações postaes, duas pelo menos, uma em Noki e outra em Banana. Estas estações deveriam ter um caracter official, ter regularidade nas suas communicações, e estas serem feitas por um barco a vapor de capacidade sufficiente para transporte de carga entre as feitorias, mediante um preço razoavel, a fim de cobrir a despeza do navio.

«Em geral os commerciantes do Zaire queixam-se da falta de protecção official, ou seja para cohibir os excessos dos negros, com quem quasi sempre estão em guerra aberta, ou para fazer respeitar os seus direitos commerciaes e evitar dissensões que por muitas vezes se dão entre elles, sem terem lei que os governe, a não ser a dos povos com quem commerciam.

«A preferencia á occupação portugueza é unanime entre todos, com excepção dos inglezes.

(Attenda-se bem a todas estas observações do nosso intelligente viajante).

«A totalidade das feitorias existentes nas duas margens do Zaire, a maior parte das quaes percorri, entre Vivi e Banana, vão designadas no seguinte mappa:

Designação das localidades e margens em que existem as feitorias		Numero de feitorias por nacionalidades				Total
Margem direita	Margem esquerda	Portuguezas	Hollandezas	Francezas	Inglezas	
Chouzo .....	Angoango .....	1	-	-	-	1
	Noki .....	1	-	-	-	1
	Mussico, missão .....	1	1	1	-	3
	Calcamasia .....	1	1	-	-	2
Boma .....	Rio Ludlongo .....	1	2	-	1	4
	.....	1	-	-	-	1
Canga .....	.....	1	-	-	-	1
Passo Conde .....	.....	1	-	-	-	1
Loango .....	.....	1	-	-	-	1
Cissala .....	.....	1	1	-	-	2
Rio Chubango .....	.....	1	-	-	-	1
	Congo Lalla .....	1	1	-	-	2
	Chililango .....	1	-	-	-	1
	Quilquia .....	1	-	-	-	1
	Sinda .....	1	-	-	-	1
	Rio Intela .....	1	-	-	-	1
	Rio Vampa .....	1	1	-	-	2
	Quissango .....	1	1	-	-	2
Catalla .....	.....	1	1	-	-	2
	Porto Rico .....	1	-	-	-	1
Ponta da Lenha .....	.....	1	1	1	1	4
	Rio Santo Antonio .....	1	-	-	-	1
Matella .....	.....	1	1	1	1	4
Banana .....	.....	1	1	1	1	4
		26	12	7	4	49

«Por este quadro se vê que a permutação é feita na maior parte por portuguezes, crescendo, além d'isso, o serem as casas estrangeiras em geral administradas pelos nossos compatriotas, por ser a lingua portugueza a unica conhecida em todo o Zaire.

«As mercadorias que em geral servem para a permutação, são os riscados de algodão, ou lençaria, almendrilha, coral verdadeiro ou imitação, braceletes, argolas, espelhos, polvora, espingardas, sal, louça ordinaria, sabão, casacos usados de todos os feitios, genebra e aguardente.

«A quatro se resumem os generos que os pretos conduzem ás diferentes feitorias, a saber: marfim, borracha, ginguba e coconote.

«A industria dos povos do Congo restringe-se a algumas esteiras, pequenas alcofas de folha de palmeira, saccos da mesma folha e alguns tecidos de palha, com que em geral fazem os pannos para se cobrirem.

«Na minha passagem por Boma aproveitei o tempo levantando a planta d'esta povoação comprehendida entre o rio Jacaré e a feitoria ingleza de Cinquemue. Tinha feito tenção de ir a Banana fazer o mesmo trabalho, porém uma carta que no dia 9 de fevereiro recebi do commandante da canhoneira Bengo, dizendo-me que o referido navio partia de Banana para Loanda, obrigou-me a desistir do meu intento.

«Parti de Boma no dia 10 de fevereiro, chegando a Banana no dia 11, podendo sómente realizar o meu embarque no dia 14, por ter esperado a vinda da canhoneira, de Cabinda».

Como se vê a canhoneira que devia apparecer a 23 de novembro de 1881, só chegou em fevereiro de 1882! Ribeiro esteve esses dois mezes e meio pelas feitorias das duas margens do rio, indo a Boma, d'onde escrevia a 7 de janeiro o seguinte:

«Como a canhoneira ainda não chegou, julgo se esqueceram de mim! Parece incrível! Continuo os caminhos fechados para S. Salvador; disseram-me que o paquete chegou a Loanda muito cedo e deve sair a 15... Só me faltam 5 mezes para acabar este inferno!»

Assim classificava o desventurado official o seu tempo de serviço em Africa.

Effectivamente o inferno acabou para elle, porque hoje descança das fadigas da vida, mas começou o inferno da desventura para sua esposa e seus infelizes filhos, que ainda esperam da nação o amparo que ella deve dar, primeiro que tudo, ás familias dos que a vão servir n'essas terras inhospitas, selvagens e doentias.

Esperamos que esse reconhecimento se não faça esperar, e não tenhamos que passar pela vergonha de ver pedir uma esmolla para a viuva e filhos de João Carlos Ribeiro. J. B.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

AO SEU AMIGO

DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

3.ª carta

(Continuado do n.º 158)

O sr. visconde do Bom Retiro é um cidadão integro e incansavel na curadoria da causa publica; do que deu logo mostras ao entrar para lente da Academia juridica de S. Paulo; na presidencia da provincia do Rio de Janeiro; como ministro, senador do imperio e conselheiro do estado; logares que tem exercido com tanta honra e distincção, que a historia patria terá de registar com louvor.

O sr. barão d'Escragnolle, de caracter modesto e sympathico, como convém ao homem sabio, tem maneiras distinctas e um trato finissimo. S. ex.ª depois de completar o curso de Estado Maior de 1.ª classe, na escola militar do Rio de Janeiro, em 1843, seguiu a carreira das armas até ao posto de tenente coronel. em que se reformou em 1865. Retirado á vida privada, entregou-se ao estudo de agronomia theorica e pratica, sendo um dos primeiros a ensaiar a cultura da cinchona, em Theresopolis, na sua fazenda de S. Luiz. Em 1875, sendo nomeado director da floresta nacional da Tijuca, aqui se estabeleceu. Tanta aptidão mostrou e taes cuidados tem prestado á silvicultura do seu paiz, que Sua Magestade o Imperador lhe conferio o titulo de barão d'Escragnolle pelos serviços prestados na floresta da Tijuca.

Quem visitou o Bussaco, em Portugal, e visita

Depois d'isto escripto sabemos que foram remittidas ao ministerio da marinha varias cartas levantadas pelo malogrado official.

depois a Tijuca, no Brazil, não pôde deixar de se recordar com saudade e gratidão do nosso sempre lembrado amigo, conselheiro Rodrigo de Moraes Soares, e do barão d'Escragnolle, ambos apaixonados pelas suas respectivas mattas, que foram, a do Bussaco, na vida d'aquelle benemerito cidadão, e a da Tijuca, na vida d'este — *as Jamas dos seus amores.*

O Mattos não imagina quanto me penalizou a noticia da morte permatura de Saraiva de Carvalho.

Quem nos diria, em agosto de 1862, quando nas vespersas da minha partida para a India, fomos com elle e outros amigos, passar um dia em Cintra, que Saraiva de Carvalho, sendo o mais novo de todos, havia de pagar o tributo á morte primeiro do que nós?!

Lamento, como portuguez e amigo, a morte do bom intelligente e benemerito Saraiva, porque era um dos filhos mais distinctos da nossa querida Patria, e bem havia eu tido occasião de conhecer toda a grandeza de seus meritos.

É bem certo, que depois que passamos dos 40 annos, só estamos n'este mundo para ver diariamente enterrar amigos e conhecidos!

Hontem sua querida mãe, e meu amigo M. J. Penha Fortuna; hoje Saraiva de Carvalho e Carlos Ribeiro.

Tudo se transforma a cada momento. Escreverei para a Sociedade de Geographia de Lisboa quando começar um trabalho regular. Entretanto o sr. Luciano Cordeiro, que me desculpe e receba um cordeal aperto de mão.

4.ª carta

Barra do Pirahy, 2 de janeiro de 1883.

Amigo Mattos. — É da margem esquerda do Parahyba, 300 metros a montante da confluencia do Pirahy, de casa do meu obsequioso amphitryão, o sr. João Baptista V. de Carvalho e Vasconcellos, vice-consul portuguez, que lhe dirijo estas mal alinhavadas linhas, como dizem os *conversados* do Minho ás namoradas, nas suas epistolas amorosas.

A barra do Pirahy, onde vim passar as festas do Natal, a convite do sr. Vasconcellos e de sua ex.ª esposa D. Isabel, assenta em terrenos dos municipios do Pirahy, onde está a estação do caminho de ferro, de Vassouras, e de Valença. Começada em 1864, quando aqui chegou a estrada de ferro D. Pedro II, existindo n'essa epoca apenas duas casas, conta hoje 500 fogos com 2:000 habitantes. Tem uma magnifica igreja, acabada ultimamente de construir, fundada por iniciativa do sr. barão de Rio Bonito, no que dispendeu mais de 40 contos de réis; sendo depois auxiliado pelos habitantes da localidade, com valiosos donativos. Não é ainda sequer freguezia; todavia, existem no imperio muitas villas e cidades com menos população, commercio e industria, que gosam dos foros de cidade.

A paisagem da barra do Pirahy é esplendida, como verá do desenho, que lhe envio, tirado do natural, como todos os meus desenhos.

A seu tempo farei uma descripção completa d'este aprazivel logar; da fazenda de *Sant'Anna*, pertencente ao sr. barão de Rio Bonito; *Ipiavas*, *Campo Bom*, e outras fazendas, que visitei, e onde colhi notas interessantissimas para a historia agricola d'esta provincia, e sobre a cultura do cafezeiro no Brazil.

O cafezeiro (*Coffea arabica*, L.) é, como sabe, uma planta arbustiva, da familia das *rubiacées*, tribu das *coffeeacées*, com folhas verticilladas. Flores axillares. Calice adherente pela base, com limbo inteiro. Corolla monopétala, regular, epigyna, com cinco lobos. Quatro ou cinco estames. Ovario inferior, com duas cavidades contando um ou mais ovulos. Stylo simples. Fructo carnoso, coroado pelo limbo do calice. Embryo recto, rodeado d'um indosperma corneo. Sementes duras, ovaes, convexas de um lado, planas do outro, e marcadas de um sulco longitudinal, de cor parda, de sabor amargo e aromatico.

O cafezeiro, cultivado no Brazil e em outros paizes intertropicaes, é originario da Alta Ethiopia, d'onde foi transportado no seculo XV para Moka e de lá para a India, d'onde os portuguezes o trouxeram para o Brazil, em 1770; sendo por muito tempo pouco estimado dos europeus. Actualmente constitue a principal riqueza das provincias centraes do imperio brasileiro.

(Continua)

Lopes Mendes.

O THEATRO DA RUA DOS CONDES

(Continuado de numero 154)

No artigo precedente houve uma confusão, na parte em que nos referimos a Marianna Torres. As pessoas que nos contaram a historia da casa



especada, e da opulencia extraordinaria de uma actriz, substituíram inadvertidamente aquelle nome ao da verdadeira protagonista do conto — Maria do Carmo e Silva. Inconvenientes da tradição oral...

Marianna Torres, contra quem José Agostinho de Macedo dardejou tão despidiosas satyras, por despeito resultante de amor mal correspondido, occupou no theatro do primeiro quartel d'este seculo um logar proeminente. Os seus beneficios eram sempre festas esplendidas. Num dos intervallos da representação, talvez no que medeava entre a comedia e a dança, a actriz ia percorrer os camarotes e receber, n'uma bolsa de velludo bordado a ouro, o aluguer de cada um. Raros *habitués* lhe davam menos de uma peça.

Refere o actor João dos Santos Matta, n'uns apontamentos compostos em 1865 para o distincto academico o sr. Silva Tullio e por este cavalheiro amavelmente prestados ao auctor d'estas linhas, que nos fins de 1819 veio do Brazil um proprio a Lisboa, com o fim de escripturar actores para o theatro de S. Pedro do Rio de Janeiro, e que effectivamente foram contractados os seguintes artistas: Marianna Torres, *primeira dama*; Maria Amelia da Silva, *dama central*; Maria Candida de Sousa, *lacaia*; e João Evangelista da Costa, *primeiro galã*. Note-se que Matta estava n'aquelle tempo na Rua dos Condes, de cuja companhia começara a fazer parte em novembro de 1818.

Os actores embarcaram poucos dias depois do carnaval de 1820. Sairam tambem do theatro os artistas Borges, Sebastião e Matta, porque não quizeram aturar por mais tempo certas injustiças da administração.

A vista d'estas deserções, mandou a direcção da sociedade escripturar no Porto a actriz Ludovina, na qualidade de primeira dama, e uma irmã e dois irmãos d'ella, para desempenharem pequenos papeis. O theatro abriu, com a nova companhia, pela paschoa de 1820, e deu espectaculos até 15 de setembro do mesmo anno, sendo n'esta data tirada á empreza, pelo governo constitucional que acabava de implantar-se, o auxilio das casas de sortes. Continuou a funcionar sem subsidio até ao carnaval de 1821. N'esta data reuniram-se novamente os artistas dissidentes, e formaram uma sociedade com organização differente.

Na empreza anterior, que durara desde 1809, diz Matta que os vencimentos mensaes dos socios eram os seguintes: primeiras partes, réis 40\$000; segundas, 35\$000 e 30\$000 réis; terceiras, 25\$000 e 20\$000 réis, e quartas, 12\$000 réis. Os socios que occupavam algum cargo administrativo recebiam além dos 40\$000 réis, 20\$000 réis de gratificação.

O director e caixa da nova sociedade foi ainda Manuel Baptista de Paula. Viveu a empreza lutando com muitas difficuldades pecuniarias, até que as cortes lhe concederam de subsidio annual a quantia de seis contos de réis, paga em quatro prestações eguaes. Nem sempre se fazia regularmente o embolso, em consequencia da falta de dinheiro que havia nos cofres da intendencia e do senado da camara.

A isto se referem varios officios do magistrado superior da policia. Escreve este, por exemplo, em 31 de outubro de 1821 que a quantia em divida, 6:000\$000 réis, se deveria pagar á sociedade, por outra estação, por isso que Paula prestara gratuitamente camarotes ás cortes e ao corpo diplomatico nas occasiões em que D. João vi havia «honrado aquelle theatro com sua real presença.

Em 9 de abril, dando a intendencia de policia informação acerca de um requerimento em que Paula pedia que o auxilio de seis contos de réis annuaes fosse elevado a dez; e discordando com o inspector do theatro, diz-se: «eu entendo, em abono da verdade, que a actual companhia do theatro da Rua dos Condes não merece semelhante auxilio; á uma porque nem tem comicos que saibam desempenhar com desenvolvimento e acerto os differentes fins para que foram estabelecidos os theatros, sendo mui raros os que sabem desempenhar os seus papeis; e á outra porque o local não convida o publico, antes o põe em risco de soffrer algumas desgraças, atten a a má construcção do theatro e a sua acanhada situação.»

(Continúa).

Maximiliano d'Azevedo.

## O AMIGO VISCONDE

VIII

Fazia-se no theatro de S. Carlos o penultimo ensaio da *Favorita*.

Cá fóra, no passeio, junto á porta do cama-

roteiro, um grupo de frequentadores discutia calorosamente o merito do tenor. Fallava um homem grosso, atarracado, de pescoço curto, com monoculo sem aro fixo no olho direito. Era muito verboso; mas o gesto sahia-lhe acanhado, quasi estrangulado entre a largura desproporcional do torax e a gordura balofa dos braços curtos. Ás vezes, o monoculo caia-lhe; elle tirava o chapéo, e, n'um gesto lento de desanimo, passava os dedos da mão sapuda por entre os aneis do cabello grisalho, exclamando:

— Bem. Eu por mim confesso: nunca ouvi cantar como elle esta phrase...

E, com os olhos em branco e levantando parallelamente no ar as mãos tremulas, trauteava com uma voz apaixonada e rouca:

*Spirito genti... i le...*

— Oh! isso é divino! — exclamou do lado um rapazelho magro e imberbe, de grandes olheiras.

Mas houve logo um que contestou a belleza da opera de Donizzetti. Era uma opera antiga, sem merecimento de instrumentação, sem inspiração...

O homem gordo contestou: — Isso nego, meu caro. Sem inspiração!? O Donizzetti!? O Donizzetti sem inspiração!?

E, fazendo um gesto de rancor, acrescentou:

— O que você diz é uma heresia. Ha-de perdoar que lhe diga, meu caro; mas isso não se diz a serio.

De repente, principiaram a discutir todos ao mesmo tempo. Fallava-se alto, n'uma grande confusão de gestos e de opiniões. Dividiram-se então em dois grupos, declarando os apaixonados da musica italiana que a musica classica teria muita harmonia; mas que era preciso confessar que lhe faltava o sentimento.

— Sim, o sentimento — asseverava um de sobrolho carregado com ar d'affronta — o sentimento.

Ao que os outros oppozeram desdenhosamente que a musica italiana era apenas uma musica piegas, de realejo...

Como as vozes emmudeceram, durante um momento, Alvaro abandonou-os e entrou no theatro.

A sala estava quasi ás escuras. Apenas se viam brilhar com uma luz amarella os bicos de gaz levantados em hastes de ferro por entre as estantes da orchestra. De algumas frizas sahia um murmurio de vozes abafadas; e, na escuridão espessa do fundo da sala, luzia, áquem e além, a braza vermelha d'um charuto.

O visconde de Tagilde estava com Leonide n'uma das frizas de bocca. Alvaro entrou, sentou-se á frente, e perguntou em que altura ia o ensaio.

— É o intervallo do segundo acto — respondeu o visconde, que estava sentado ao fundo do camarote.

Na orchestra conversava-se alto. Os violinos decansavam sobre as cadeiras. Alguns musicos, em grupos, discutiam fumando cigarros. O maestro, de pé, fallava para o barytono, que o escutava de cima, debruçado á beira do palco, com ambas as mãos fircadas sobre o castão da bengala. Na caixa do theatro havia agora um grande movimento. Preparava-se o scenario para a recita do dia immediato. Um velho panno de fundo, que representava um bosque solitario e sombrio, ia subindo lentamente, desapparecendo entre as bambolinas. Já se avistavam ao longe as portas dos camarins. De repente, uma larga fita de sol cahiu obliquamente, levantando no ar um pó dourado e subtil, que fluctuava. O palco ficou um instante a descoberto; e, a um grito de commando do contra-regra, que estava parado em meio da scena, olhando para o alto, desenrolou-se rapidamente ao fundo, cahindo de cima, a galeria arruinada d'um convento antigo. Um grupo de homens atravessou o palco; e, a um signal do contra-regra, o maestro sentou-se no seu logar, bateu com a batuta na estante e preparou a orchestra para o ensaio do terceiro acto.

N'esta altura, o visconde sahio do camarote, deixando sós Alvaro e Leonide. Ella estava sentada defronte d'elle, voltando as costas para o palco. Mas, logo que principiaram a cantar, Leonide teve de se voltar para a scena; e, n'esse movimento brusco, os seus joelhos roçaram ligeiramente nos joelhos de Alvaro, que estremeceu. Posta assim, Alvaro admirava-lhe a linha graciosa do perfil, que se desenhava nitidamente na claridade da orchestra. Renasciam-lhe desejos impetuosos; e, fixando-lhe os olhos na ondulação do seio, que, pelo esforço da posição, arfava com mais violencia, ia procurando insidiosamente encontrar sob a pressão do seu pé o contacto do pé de Leonide!

(Continúa).

Alberto Braga.

## EPIHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1810 — 21 — É dissolvida a *Junta Administrativa Economica e Litteraria*, creada por decreto de 7 de dezembro de 1801, que dirigia a administração da Impressão Regia, sendo nomeado para a substituir o presidente do Real Erario Joaquim Antonio Xavier Annes da Costa, que foi o primeiro administrador geral d'aquelle estabelecimento.

1880 — 22 — Estreia do prestidigitador Neu-bourg no Coliseu de Lisboa sendo desde logo que exhibiu os seus primeiros trabalhos prestimanos e de magia, considerado como um dos melhores artistas que tinham até ahí apparecido nos nossos theatros.

1757 — 23 — Nascimento do doutissimo João Pedro Ribeiro, fundador da sciencia da diplomacia no nosso paiz e primeiro professor da aula respectiva.

1821 — 24 — Publica-se o decreto abolindo em Portugal o estylo das tenções em latim como se praticava nas relações.

1825 — 25 — É creada a *Escola Real de Cirurgia*, annexa ao hospital de S. José. Foi reorganizada pelo decreto de 5 e 29 de dezembro de 1836, que instituiu as escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto e as desannexou do hospital real de S. José e do hospital da Misericordia do Porto.

1690 — 26 — Suicida-se, atirando comsigo de uma janella abaixo, no jardim do seu palacio, o notavel estadista, general e escriptor D. Luiz de Menezes, 3.º conde da Ericeira.

1828 — 26 — O governo revolucionario do Porto decreta a publicação d'uma *Gazeta Official*.

1811 — 27 — Nasce Francisco Xavier Migoni musico insigne e director do Conservatorio. Morreu em 10 de junho de 1861.

1882 — 28 — Inauguração do theatro *Antonio Pedro*, na Aldea Gallega pela Companhia Dramatica «Camões».

1841 — 29 — Representa-se pela primeira vez no theatro Nacional da Rua dos Condes a celebre comedia *Gaiato de Lisboa*.

Esta comedia começou a firmar a reputação do actor Chrispiniano Pantaleão da Cunha Sargedas que fazia a parte de protagonista.

1601 — 30 — Nasce em Lisboa a poetisa Sôr Violante do Ceu, filha de Manuel da Silveira Monterino e D. Helena Franco.

Aos 18 annos compoz a comedia *Santa Eugenia* que teve a honra de ser representada ant-Filippe III por occasião da visita d'este monarca a Lisboa em 1619.

1808 — 30 — Nasce o notavel maestro Joaquim Casimiro Junior na sua casa da rua dos Gallegos, hoje rua do Duque, em Lisboa.

1837 — 30 — Estreia do actor Theodorico Baptista da Cruz no theatro Nacional da Rua dos Condes com a comedia em tres actos «O Armazem das Modas.»

1792 — 31 — Carta regia dirigida ao reitor da Universidade de Coimbra D. Francisco Raphael de Castro determinando-lhe que sejam riscados e expulsos da cidade os estudantes conhecidos por turbulentos e discolos.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A CAVALLARIA DA SEBENTA (*resposta ao theologo*) pelo sr. Camillo Castello Branco, Porto, na Livraria de Ernesto Chardron, 1883. — 8.º de 23 paginas em que se responde a uns artigos inseridos na *Civilização Catholica*, periodico, e que

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Dos pobres d'espírito é o reino do céo.



tem relação com a polemica suscitada pela prelecção do sr. dr. Calisto expendida na *sebenta*, a que respondem as *Notas* á mesma.

CATALOGUE D'UNE COLLECTION DE LIVRES RARES ET DE MANUSCRITS PRECIEUX dont la vente aura lieu a Lisbonne sur la direction de Casimiro Candido da Cunha, rua Larga de S. Roque, 100, 1.º andar. — 2.º parte manuscripts, le 11 juin et jours suivants Lisbonne, typ. de Veive Sousa Neves, 65, R. da Atalaya, 67, 1883. — 8.º de 58 paginas. E' a terceira vez, em cinco ou seis annos, que se apresenta á venda publica uma collecção de livros e manuscripts raros, e importantes. Das outras duas vezes pouco aproveitaram as nossas bibliothecas e archivos, porque a incuria nacional, aquelle desleixo e desprezo por tudo quanto não sejam tricas politicas, fazem com que ninguem se interesse pelo que temos em casa, e essas grandes collecções reunidas por uma perseverança paciente, como a de Innocencio, ou por alguns seculos como a livraria dos marquezes de Castello Melhor, onde além d'isso havia innumerados documentos officiaes que pertenceram aos archivos do reino, dispersam-se e desfazem-se em desprovido dos estudos historicos e das letras. O Museu Britannico, o Instituto Historico do Brazil, outras sociedades e particulares vem disputar as collecções portuguezas, as nossas bibliothecas, os nossos archivos deixam ir tudo para fóra. Veremos se d'esta vez o ministro do reino, litterato distincto tem ensejo para attender um pouco a estas coisas.

A MULHER, revista illustrada das familias, directora Eliça Caodur, Lisboa. N.ºs 5, 6, 7, 8, 9 e 10 d'este semanario que tem sido publicado com a maior regularidade e com artigos muito apreciaveis.

HISTORIA UNIVERSAL, original do dr. Jorge Weber, traducção e notas de Delfim d'Abmeida, Empreza litteraria de Lisboa, editora, Lisboa. Fasciculos 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34 e 35 com seis gravuras representando personagens e factos historicos. No fasciculo 35 conclue o 4.º vol. e começa o 5.º

RELATORIO E CONTAS DA SOCIEDADE PORTUGUEZA CAIXA DE SOCCORROS DE D. PEDRO V, anno de 1882, Rio de Janeiro. — Da leitura d'este relatorio se vé claramente qual a importancia d'esta sociedade que teve de receita no ultimo anno 65:475\$249 e que dispendeu em soccorros 59:309\$660 tendo um fundo social de 571:686\$444.

JORNAL DA INFANCIA, semanario illustrado, recreativo e moral, editores Mattos Moreira & Cardoso, Lisboa, n.ºs 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, e 20 d'este periodico dedicado ás creanças, com artigos e gravuras escolhidas, apropriadas á indole da publicação que, é dada á estampa cuidadosamente pelos seus acreditados editores.

8.º francez de 15 paginas, continuação da polemica suscitada pelas expressões da *sebenta* e que o sr. Camillo procurou rebater nas suas *Notas* á mesma.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... terceiro anno — septima serie. 1883. David Corazzi, editor. Empreza Horas Romanticas, premiada com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro, Administração: 40. R. da Atalaya, 52, Lisboa, Filial no Brazil: 40. R. da Quitanda, Rio de Janeiro. numero 54. Optica, illustrada com 37 gravuras e redigida em harmonia com o programma official do curso geral dos lyceus. — É este um tratadinho que com os da *Acustica*, da *Meteorologia*, da *Gravidade*, do *Calor* já publicados e outros que por ventura se sigam, completam o estudo da *Physica*, cujo assumpto resumido no seu respectivo tratado se desdobra e explana n'estes. É este um dos mais difficeis para a intelligencia vulgar e um dos mais interessantes. Por esta occasião rectificando uma expressão da nossa noticia relativa ao tratadinho *O mar*, diremos que com quanto na generalidade se considerem os animaes fabulosos, as *sereias*, como tendo a metade superior do corpo de fórma de mulher e o resto de peixe, poetizando assim talvez a figura da phoca,



BRAZIL — BARRA DO PIRAHY (Segundo um desenho de Lopes Mendes) vid. artigo *Cartas de Lopes Mendes* etc.

GRATIDÃO drama em 3 actos por F. Livino de Carvalho, Pernambuco, 1882. — Não sabemos se este drama já foi representado, mas pela sua leitura vemos que nem o thema nem a linguagem offerecem novidade litteraria. É offerecido aos empregados do commercio de Pernambuco pelo seu auctor que, nos parece ter muitos bons desejos de cultivar as letras.

CORREIO DO BRAZIL revista mensal, proprietario e redactor Oliveira Lima, Lisboa. N.º 1 do 2.º anno com os seguintes artigos: biographia do dr. M. Torres com o retrato, por Oliveira Lima, barão de Javary, marquez de Sapucahy, Saudades de minha filha, poesia, pelo marquez de Sapucahy, etc.

NOTAS AO FOLHETO DO DOUFOR AVELINO CESAR CALLISTO... pelo sr. Camillo Castello Branco, Porto, na livraria de Ernesto Chardron — 1882.

ha tambem auctores que lhe dão o resto do corpo em figura de ave, com quanto essa opinião nos não pareça sufficientemente accetavel, antes a julgamos uma interpretação um tanto forçada de monumentos antigos.

ALLEGACÕES FINAES POR PARTE DOS AUCTORES NA QUESTÃO DE ANULAÇÃO DO TESTAMENTO CERRADO com que falleceu Sebastião d'Arriaga Brum da Silveira, Auctores Manuel d'Arriaga e irmãos — Réos Augusto Dally e esposa... 2.ª parte. Lisboa typographia popular — 41, 1.º Rua dos Mouros — 1883. — 4.º de 102 paginas.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA  
6, Rua do Thesouro Velho, 6

EXPEDIENTE  
DO  
**ALMANACH ILLUSTRADO**  
DO  
**OCCIDENTE**  
PARA 1884

Recebem-se n'esta redacção, charadas, enigmas, passa-tempos, etc. para serem publicados no ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1884.

Recebem-se tambem annuncios, mediante a tabella impressa na capa do almanach de 1882 e 1883, até ao dia 25 de junho do corrente anno.

**ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE**  
PARA 1882 E 1883

Cada um..... \$200

**VIAGEM Á RODA DA PARVONIA**  
PELO COMMENDADOR GIL VAZ

Um volume de 240 paginas illustrado por M. do Macedo..... \$500

**A COMEDIA BURGUEZA**

I

**SAPATOS DE DEFUNCTO**

Por Leite Bastos

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 paginas illustrado por M. do Macedo..... \$600

**CAPAS CARTONADAS**

PARA ENCADERNAÇÃO DO

**OCCIDENTE**

A Empreza do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

**PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS**

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Tambem se fazem encadernações com estas capas por 1\$200 réis.